

# Revista Iberoamericana de Turismo



## Os “turistas moradores” no Complexo Arquitetônico da Pampulha em Belo Horizonte: experiência mediada pelo design e a arquitetura<sup>1</sup>

Wânia Maria Araújo

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil.  
Professora do Programa de Pós Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário UNA, Minas Gerais, Brasil  
E-mail : wania.maria@yahoo.com.br

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a Pampulha e alguns de seus espaços – Casa do Baile, Museu de Arte e Casa JK – ; os dois primeiros da década de 1940 e a Casa JK inaugurada como Museu em 2013. Esses espaços foram escolhidos como locais turísticos em Belo Horizonte e onde pode ser possível experimentar e interagir com o design e a arquitetura ali presentes. A ideia é pensar o turismo como uma atividade realizada pelos próprios cidadãos que não se exaure na presença aos locais considerados turísticos, mas para além da presença possibilita a fruição de produtos não necessariamente materiais que ali se inscrevem, pois os seus sentidos, significados também se irrompem nessa experiência. A questão que tem norteado a investigação refere-se ao fato de que esse espaço turístico de Belo Horizonte rico em produtos arquitetônicos e de design, é pouco experimentado pelos cidadãos belorizontinos que encontram empecilhos que vão desde a dificuldade de acesso até o desconhecimento dos locais e das atividades que são ali realizadas. Nossa hipótese é que a interface dos cidadãos com esse espaço da cidade a partir da experiência do turismo se limita a determinados grupos sociais de Belo Horizonte que detêm um repertório cultural e simbólico que está atento às atividades que ali se realizam e pelo que representam e significam na cidade, bem como pela presença da arquitetura e do design. Isso ao mesmo tempo que atrai os turistas moradores de grupos sociais com capital cultural, intimida outros habitantes que não são detentores desse capital. Dessa forma, a não experiência com a arquitetura e o design via turismo na própria cidade não acontece e não é fruída por todos os grupos sociais.

**Palavras-Chave:** Pampulha. Turismo. Design. Arquitetura.

### 1 UM POUCO DE HISTÓRIA: BELO HORIZONTE E A PAMPULHA

Belo Horizonte foi a primeira cidade planejada do Brasil e teve como intuito materializar os ideais republicanos na nova capital de Minas Gerais. A ordem, como a grande orientadora do desenvolvimento da cidade, já estava presente desde a época de sua construção. O Plano de Aarão Reis buscou expressá-la através do traçado geométrico, da localização de algumas atividades e de algumas edificações como, por exemplo, o Palácio do Governo. Era a época em que o poder público arbitrariamente, apesar da mudança e construção da nova capital ter sido discutida no congresso, impôs à população do antigo

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN/Brasil.

Curral Del Rei um novo formato de cidade em contraposição à espontaneidade do desenvolvimento daquele arraial e mais ainda em contraposição ao traçado da antiga capital – Ouro Preto – que, além disso, significava uma oposição ao que representava o antigo regime: o arcaico, o barroco. Houve uma mobilização em termos de planejamento para que essa nova capital atendesse aos anseios de renovação, modernidade e desenvolvimento urbano que a antiga capital, Ouro Preto (Vila Rica) não era capaz de suprir (ARAÚJO, 2004).

Belo Horizonte teve seu projeto elaborado pela equipe chefiada por Aarão Reis e seu planejamento foi delineado a partir de três zonas concêntricas: zona urbana central, zona suburbana e zona rural que configuravam a Planta Geral da cidade. A primeira delas, com ruas e avenidas amplas, destinava-se ao aparato burocrático-administrativo do governo e às residências de funcionários públicos, de proprietários de Ouro Preto (antiga capital) e de ex-proprietários do Curral Del Rei. A **zona suburbana** era separada da urbana pela atual Avenida do Contorno<sup>2</sup>, e suas ruas eram mais estreitas e menos regulares. Para esta zona estava prevista a construção de sítios e chácaras. A **zona rural** constituiria o cinturão verde da cidade, pois nela se instalariam os Núcleos Agrícolas. Esse critério de zoneamento utilizado pelo planejador da cidade já denota uma representação espacial delimitadora, pois impõe fisicamente, através dos limites entre as zonas, as atividades e os tipos de moradores permitidos para cada parte da cidade.

A intenção de Aarão Reis era

construir uma cidade protótipo do modelo urbano do futuro, cuja concepção seria a base e o limite da **sociedade que se desejava fazer existir – moderna, organizada, com funções definidas e espacialmente localizadas**. Deveria exaltar a grandeza do governo que, em sua demonstração simbólica de força, desencadearia um importante efeito político captando confiança e provando a solidez do poder. Ao Estado caberia não só a responsabilidade pela construção da cidade, como também pelo processo de ocupação do solo e pelo seu desenvolvimento (Guimarães, 1991, p. 44, 45) (Grifos nossos).

A Pampulha está localizada no vetor norte de Belo Horizonte e a partir da Planta Geral da cidade de Belo Horizonte de 1897 localizava-se na área considerada Zona Rural destinada à produção agrícola.

Dando um salto no tempo para alcançar os anos 1940, momento do nascimento da Pampulha em Belo Horizonte, é importante destacar que essa época teve como característica a recuperação da “[...] imagem de Belo Horizonte como uma cidade moderna [...]” (PLAMBEL, 1986, p. 59). O poder público elegeu novas prioridades e dedicou à construção das grandes obras: o complexo urbanístico da Pampulha, iniciado em 1938, o alargamento e abertura de vias, a ampliação do mercado municipal e a criação da cidade industrial. O espaço foi sendo remodelado como condição da modernidade (ARAÚJO, 2004).

O prefeito Otacílio Negrão de Lima (1935-1938), anterior a Juscelino Kubitschek – JK, construiu a barragem da Pampulha para controle de cheias e abastecimento da região em 1938, fato que, de certa forma, contribuiu com as ideias posteriores de JK de urbanização da Pampulha e de transformá-la em um centro turístico e de lazer (ARAÚJO, 2013).

<sup>2</sup> Avenida esta que anteriormente era denominada como Avenida 17 de dezembro.

Com a posse de JK na Prefeitura em 1940, o ideal modernizante e desenvolvimentista ganhou impulso e ele tornou-se o executor de grandes obras, dando forma ao imaginário social da beleza, limpeza e higiene. Desejando transformar a barragem da Pampulha em um lago artificial com belas residências e casas de diversão ao redor, JK convocou Oscar Niemeyer para a elaboração do projeto arquitetônico composto pelo Iate Clube, Igreja de São Francisco, Cassino e Casa do Baile. As obras foram iniciadas em 1945. Nesse momento o lazer começou a fazer parte do ideal de modernidade e progresso. Com efeito, a década de 1940 caracterizou-se pela retomada do ideário republicano, quando então o **progresso** e a **modernidade** voltaram a ser as noções orientadoras do processo de crescimento e expansão urbanos e das formas de uso e ocupação dos seus mais variados espaços (ARAÚJO, 2004).

Segundo Cappello; Leite (2011) a construção do complexo arquitetônico da Pampulha que JK vislumbrou ao ter conhecimento da barragem teve vários objetivos, dentre eles:

- Implantar um pólo de lazer e turismo para a capital;
- Reafirmar Belo Horizonte como cidade ideal, com o “frescor do novo”;
- Subverter o fluxo de pessoas para a zona Sul da cidade;
- Criar um novo complexo imobiliário;
- Renovar o visual do cenário vigente;
- Reforçar o caráter de progresso na cidade com a implantação de uma linguagem moderna por meio da arquitetura.

A escolha do modernismo como linguagem arquitetônica na Pampulha converge com a ideia de constante modernização e reinvenção das cidades Latino-Americanas como um todo. Isso porque a América é tida como o continente novo, o que fez com que se tornasse um laboratório de experimentação social, política e artística e que a todo tempo buscasse ideias alternativas ao paradigma europeu. Logo, as cidades latino-americanas se “produzem” como construção cultural (GORÉLIK, 2003).

Em Belo Horizonte esse fato pode ser percebido desde o seu planejamento visto ter sido considerada como a cidade com capacidade de concretizar os anseios modernos para uma capital de estado. Portanto, desde sua concepção e com o passar dos anos o paradigma de cidade de vanguarda que se reinventa e se produz a todo instante pode aqui ser observado. Para ambientar esses anseios de movimento, de vanguarda é que o modernismo do complexo arquitetônico da Pampulha se fez presente a partir da ideia de converter uma área suburbana em espaço de lazer, de reverter o fluxo de pessoas para a região sul da cidade conforme vislumbrou JK. Estrategicamente, o modernismo foi um fator importante para ligar essas características e dar um novo ar ao entorno da lagoa artificial. Ao redor da Lagoa da Pampulha foram construídos: o Cassino (que após a proibição de jogos de azar no Brasil em 1946 se tornou o Museu de Arte da Pampulha em 1957), a Casa do Baile, o Iate Tênis Clube e a Capela de São Francisco de Assis (MAIA; PEREIRA, 2009).

Como objetos de estudo para este artigo foram escolhidos a Casa do Baile, o Museu de Arte da Pampulha (MAP) e a Casa Kubitschek. O primeiro pelo fato de se constituir atualmente como Centro de referência de Urbanismo, Arquitetura e Design, o Museu de Arte pelo fato de ser espaço de exposições artísticas que dialogam com o design e a Casa JK, apesar de recentemente aberta ao público (junho de 2013) constituiu-se como um espaço arquitetônico também projetado por Niemeyer e abriga todo o mobiliário de época quando então JK passava ali os finais de semana, objetos esses que são expressão do design dos anos 1940 e 1950. A pesquisa que tornou possível a escrita desse artigo foi realizada a partir

de visitas aos referidos locais em dias e horários distintos com vistas a acompanhar e observar tanto as atividades ali executadas como a frequência de pessoas.

## 2 O COMPLEXO ARQUITETÔNICO DA PAMPULHA

A Pampulha foi concebida como um projeto de intervenção na cidade de Belo Horizonte com vistas a construção de equipamentos ao redor de uma lagoa com os objetivos de criar uma área de lazer na cidade e de um novo bairro para subverter o fluxo de moradores para a zona sul da cidade.

Pampulha fora um projeto de iniciativa governamental, da prefeitura de Juscelino Kubitschek, e tinha como objetivo a criação de “um bairro novo para Belo Horizonte, um bairro alegre e moderno”<sup>4</sup>. “Uma grande represa, um cassino, um Yatch Club e um restaurante popular (NIEMEYER, 1943 *apud* CAPPELLO; LEITE, 2011, p.4-5)

Em termos de espaço físico a Pampulha reforça ainda mais o caráter modernista que visava ser impresso na cidade desde seu planejamento e foi retomado por Juscelino Kubitschek – JK. Como um local projetado em espaço aberto, amplo, com sua grande extensão territorial.

Para JK, a Lagoa e seu entorno eram um paraíso dentro da cidade. As formas limpas, curvilíneas e imponentes das construções são responsáveis por criar uma identidade própria para o local. O modo como se deu a ocupação do território no entorno da Lagoa foi caracterizado pela horizontalidade e a limpeza de adornos em sua arquitetura. O projeto do complexo arquitetônico na orla da lagoa foi pensado em seus mínimos detalhes. Nota-se a identificação de padrões, como a assinatura de Niemeyer em todos os projetos, os jardins de Burle Marx e detalhes como a cerâmica presente no exterior do Museu de Arte da Pampulha – MAP, na Casa do Baile e na Casa JK. Além disso, o museu é o ponto mais alto da lagoa e é possível avistar todas as edificações exceto a Igreja da Pampulha, evidenciando a dicotomia entre o jogo de azar e a sacralidade.

### 2.1 A Casa do Baile

Localizada em uma pequena ilha artificial e ligada à orla da lagoa por uma ponte de concreto, a Casa do Baile foi inaugurada em 1942 e teve seu tempo áureo até 1946 (ARAÚJO; COSTA, 2013). O traçado da casa do Baile é o que apresenta mais curvas dentre as construções na Pampulha. A simplicidade das curvas chama a atenção e Niemeyer conseguiu unir leveza e suntuosidade ao seu desenho. A presença das curvas além de caracterizar o estilo do arquiteto também dialoga com a forma que a lagoa artificial apresenta.

Segundo Niemeyer:

E tudo começou quando iniciei os estudos de Pampulha, minha primeira fase, desprezando deliberadamente o ângulo reto tão louvado e a arquitetura racionalista feita de régua e esquadro, para penetrar corajosamente nesse mundo de curvas e formas que o concreto armado oferece. [...] E o fiz com a desenvoltura que meu sócia pedia, cobrindo a Igreja de Pampulha de curvas variadas, e a marquise da Casa do Baile a se desenvolver, também em curvas, pela margem da pequena ilha (NIEMEYER, 1998, *apud* CAPELLO; LEITE, 2011, p.5).

Projetada para ser um centro de reuniões dançantes que atingisse às camadas populares de Belo Horizonte, teve como função a valorização artística e social da região da Pampulha. Porém ao contrário do pretendido, os frequentadores não faziam parte da camada popular belo horizontina, os convites para shows na Casa do Baile eram distribuídos às pessoas de maior poder aquisitivo, dentre eles políticos como o próprio JK, frequentadores do Cassino etc., o custo para frequentar o espaço também era alto, e por si só selecionava o público.

O objetivo era que a Casa do Baile servisse de um espaço voltado para as camadas populares para a confraternização e festas da cidade. Porém, na prática, é notório que a receptividade da Pampulha estava mais voltada para as classes de elite, devido a ocupação das casas ao redor da lagoa por pessoas de classe alta e o caráter dos prédios públicos ali construídos. Conforme assinala Bruand (2003 *apud* ASSIS; CAPANEMA, 2009) o projeto da Pampulha acabou por servir aos anseios da elite com a construção de mansões e dos próprios equipamentos que eram voltados para o consumo das classes altas.

O encerramento das atividades da Casa do Baile a partir de 1947 ocorreu devido a uma série de infortúnios, conforme apontam Assis; Capanema (2009):

- O rompimento da barragem;
- A contaminação da Lagoa por esquistossomose;
- A proibição do remo e da pesca;
- A diminuição do nível da água.

Em 1989 Niemeyer visitou a Pampulha e diante da cena de degradação dos espaços por ele projetados sugeriu ao Prefeito da época que a Casa do baile fosse transformada em um lugar simples, de acesso à população. “Para ele a Casa do Baile devia ser um espaço de lazer para o homem comum” (ARAÚJO; COSTA, 2013, p. 19). Foi exatamente nesse ano de 1989 que a iniciativa privada, após processo licitatório, instalou ali um restaurante que funcionou até 1994 e posteriormente houve um bar e pizzaria que encerrou suas atividades em 1996 (ARAÚJO; COSTA, 2013).

Em 1997, a Casa do Baile foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), servindo novamente como anexo do Museu de Arte da Pampulha, tendo na reabertura uma exposição intitulada “O Eterno retorno da Pampulha”. Em 1998, após restauração, o espaço foi reinaugurado como espaço destinado à exposições e discussões de temas relativos à arquitetura, urbanismo e design conforme definição de uma Comissão Consultiva que se dedicou a discutir a política institucional da Casa do Baile. Depois dessa definição da Comissão consultiva houve novo momento de restauro e em dezembro de 2002 ocorreu nova reinauguração como Centro de Referência em urbanismo, Arquitetura e Design.

## 2.2 O Museu de Arte da Pampulha – MAP

Inaugurado em 1943, o Cassino da Pampulha foi a primeira obra do conjunto arquitetônico a ser construída. Chamado pelos jornais da época de Palácio da Represa ou Grill Room, era a obra de maior destaque e com o espaço mais sofisticado. (FERREIRA, 2007). Também era conhecido nos anos 1940 como Palácio de Cristal, não somente por sua morfologia e arquitetura, mas porque era frequentado pela elite de Belo Horizonte que segundo Araújo (2013, p. 35) “vagava ente a dança, o jogo e a ostentação social”.

O espaço foi projetado para servir de entretenimento às camadas sociais de alto poder aquisitivo, fazendo com que fosse procurado não só por moradores da capital, mas

também de outros estados e até mesmo do exterior, favorecendo o turismo na capital. Os tempos de glamour do Cassino não duraram muito, com proibição dos jogos em 1946 o Cassino foi fechado, sendo transformado em 1957 em Museu de Arte de Belo Horizonte, após reforma iniciada em 1955 (VIANA, 2013).

Localizado num promontório que lhe garante como o ponto mais alto na Pampulha, o MAP tem sua estrutura formada de concreto armado e vidros que conformam as paredes opacas para o aproveitamento máximo da paisagem ao seu redor. Dele é possível enxergar todos os equipamentos da Orla da Lagoa, exceto a Igreja, por motivos de separação entre a sacralidade e os prazeres mundanos. O interior do museu é muito amplo e essa sensação é potencializada pelos vidros e os espelhos que ocupam uma parede inteira do museu.

O Museu, pelo seu caráter de vanguarda dá preferência à instalações de arte contemporânea e além disso é composto por uma biblioteca, loja de souvenirs, café e salas de multimídia.

Um fato marcante nessa construção é a união da escultura e do paisagismo com a arquitetura. À frente do museu há um projeto de paisagismo assinado por Burle Max. Em todos os projetos da Pampulha é visível o destaque aos elementos brasileiros como azulejos, esculturas e as espécies de plantas utilizadas nos projetos paisagísticos.

### 2.3 A Casa Kubitschek

Projetada em 1943 por Oscar Niemeyer a Casa Kubitschek foi construída para o então prefeito da época Juscelino Kubitschek com a finalidade de ser um espaço de lazer no campo para ser desfrutado no final de semana. Em 1945 JK foi para o Rio de Janeiro empossado como deputado federal, quando então deixaram de frequentar a referida residência. A característica que a difere dos demais projetos de Niemeyer na Pampulha é o telhado invertido e a ausência de curvas em sua fachada. É uma residência em forma de “U” e os detalhes curvilíneos são dados pelo jardim de Burle Max que ornamentam a entrada com uma variedade imensa de espécies e um pequeno lago com vitórias-régias (ARAÚJO, 2013).

A casa permaneceu desocupada até 1956, quando Jobert Guerra, amigo e padrinho de casamento de Juscelino comprou o imóvel. Após a morte de Guerra, em 1977, sua esposa continuou no local até o seu falecimento, em 2004. Logo após, a Prefeitura de Belo Horizonte demonstrou interesse em comprar o imóvel com a finalidade de transformá-la num espaço cultural.

Em 2008 iniciaram as obras de restauração do espaço, sendo suspensas por dois anos, reiniciando em 2011. Teve sua inauguração em junho de 2013, se integrando ao complexo cultural da Pampulha, a Casa Kubitschek traz referências da arquitetura, mobiliário e design da época. Aberta à população para visitação em junho de 2013 como museu, a casa que JK morou na orla da Pampulha possui um acervo que visa reconstruir a atmosfera dos anos da ocupação do prefeito.

A “Casa Museu” faz com que nos apropriamos do design e da cidade de diversas formas como, por exemplo:

- historia da cidade;
- experimentação do mobiliário e arquitetura da época

Na garagem foram instalados painéis sobre a história da Pampulha e sobre a implementação do conjunto arquitetônico. O interior   constituído com os móveis da época de vivência do então prefeito, todos eles dotados de uma linguagem modernista. Nos quartos, há instalações multim dia e fotos dos ex-moradores da casa. Nota-se o talento de

Niemeyer quanto a projeção da casa, privilegiando a vista da Pampulha e excelente distribuição dos espaços. Outro elemento que atrai a tenção do visitante é o espaço externo da casa, visto que Niemeyer o explorou ao máximo com uma enorme área livre tirando vantagem do desnível do terreno ao criar camadas e ao fundo, de forma reservada há uma área com piscina.

### 3 O TURISTA-MORADOR E A FRUIÇÃO DA PAMPULHA PELA ARQUITETURA E DESIGN

De acordo com Carsalade (2007) a Pampulha para JK significava a construção de um espaço em Belo Horizonte vocacionado para o turismo, por isso a ideia de construção ao redor do lago artificial de casas de luxo e de diversões. Dessa forma, desde os primeiros anos de funcionamento do Cassino e da Casa do Baile nos anos 1940 os comentários eram de que a região da Pampulha abrigava classes sociais abastadas nas atividades de entretenimento ali realizadas. Os antigos moradores da região denominada Fazenda Velha Santo Antônio da Pampulha não se sentiam atraídos pelos acontecimentos do Cassino e Casa do Baile, mesmo que essa última tivesse sido projetada para abrigar atividades voltadas para as classes populares. Esses moradores da Fazenda Velha Santo Antônio da Pampulha continuaram então a realizar suas atividades culturais e religiosas como formas de entretenimento e lazer (CARSALADE, 2007).

[...] as obras eram ‘escandalosamente suntuárias para uma cidade pobre. Jogatinas, danças, bebidas...’. A Pampulha era propositadamente elitista, pois era isso que a fazia atrativa e que fazia correr dinheiro, como era seu intento (CARSALADE, 2007, P.54).

[...] a Pampulha acabou atraindo exclusivamente a elite, tanto no uso dos espaços de lazer, quanto em relação à ocupação urbana. É que os lotes ao redor da lagoa foram muito valorizados, pois, para compor o aspecto moderno da orla, era necessário que as famílias tivessem condições de construir residências luxuosas. Além disso, poucas pessoas conseguiam ter acesso ao local, pois, o transporte público era precário e os automóveis eram coisa rara (RIBEIRO, 2011, p. 22).

Atualmente a Pampulha e, especialmente, o entorno da lagoa abrigam moradores que podem ser considerados expressão da elite de Belo Horizonte e não são eles os sujeitos que realizam a atividade turística na própria cidade, mesmo que teoricamente tenham capital cultural para fruir das exposições e atividades artísticas que a Casa do Baile, o MAP e a Casa Jk realizam. Então quem são e onde podem estar os turistas-moradores de Belo Horizonte que experimentam os espaços de fruição da arquitetura e do design na Pampulha?

Em 2004 foi realizada uma pesquisa com a aplicação de 106 questionários a visitantes e turistas em 8 atrativos da Lagoa da Pampulha<sup>3</sup>, entre eles a Casa do Baile e o MAP. Assis e Capanema (2009) assinalam que a maioria dos visitantes era do interior de Minas Gerais (56,6%) sendo que destes (25,47%) eram de cidades próximas a capital mineira. Visitantes de outros estados conformaram o percentual de 16,04% e os estrangeiros 1,87 %, sendo o principal motivo da visita o lazer. O conjunto

<sup>3</sup> Além da Casa do Baile e do MAP, os demais locais foram: Parque Ecológico Francisco Lins do Rego, Igreja São Francisco de Assis, Conjunto Mineirão/Mineirinho, Jardim Zoológico, Mirante AABB e o Novo Vertedouro da Barragem.

Mineirão/Mineirinho foi o que mais atraiu os visitantes (59,43%), seguido pela Igreja São Francisco (47,17%), pela Nova Barragem (43,40%) e por último o Jardim Zoológico (40,57%). Somente 2,83% estiveram em todos os atrativos e salientaram a falta de conexão entre os espaços como elemento dificultador do acesso a todos eles. Somente 8,49% das pessoas que possuíam renda inferior a R\$ 720,00<sup>4</sup> visitaram a Casa do Baile e 14,15% o MAP. De acordo com Assis e Capanema (2009) esses últimos dados revelam que o interesse pelo patrimônio artístico é menor, principalmente entre as classes sociais menos abastadas e com menor capital cultural.

Entre os pontos destacados por Assis e Capanema (2009) em relação à baixa visitação ao Complexo Arquitetônico da Pampulha na sua totalidade vale salientar a falta de conexão entre os atrativos por meio do transporte coletivo, de um calendário de atividades disponibilizados como informações turísticas, de serviços de infra-estrutura como transporte, lanchonetes.

Se esses foram problemas apresentados pelos visitantes em 2004 eles afetam o turista-cidadão ainda em 2014, visto que esse sujeito também não encontra facilmente as informações relativas às atividades realizadas nos diferentes espaços do Complexo Arquitetônico da Pampulha, em especial os que aqui dedicamos mais atenção: Casa do Baile, MAP e Casa JK. Além disso, a dificuldade do transporte coletivo para o deslocamento entre os atrativos é fator desestimulante para a visitação. Vale ainda ressaltar que as distâncias entre a Casa do baile, a Casa JK e o MAP são difíceis de serem percorridas a pé. Disso advém a necessidade do transporte para percorrê-las, mas não existem linhas de coletivos urbanos, por exemplo, que tenham como percurso a passagem por esses locais. Como a orla da lagoa é cercada por moradias de alto luxo, em geral cercadas por muros, isso gera insegurança aos pedestres para realizarem um longo percurso a pé numa via que só tem automóveis.

Uma iniciativa de propiciar ao turista-morador a fruição dos espaços artísticos da Pampulha: MAP, Casa do Baile e Casa JK foi lançada em março de 2014 e divulgado em uma rede social: são os Roteiros Arquitetônicos Casa do Baile, apesar do nome os roteiros cobriam em dias diferentes, na parte da tarde, visitas guiadas aos locais da Pampulha e outras áreas da cidade que contêm obras de Niemeyer. Uma proposta extremamente interessante, pois o percurso era realizado a pé a partir da Casa do Baile. Entretanto, o horário (14h) não é atrativo para a maior parte da população ocorrendo um esvaziamento do evento. Pode-se supor que o esvaziamento deve-se não somente ao horário, mas também a forma de divulgação. Outro ponto importante a destacar é que essa iniciativa reitera a ideia de que os espaços para fruição do design e da arquitetura na Pampulha destinam-se aos cidadãos que detêm capital cultural, mas, além disso, têm um horário de trabalho flexível. O esvaziamento dessa ação acaba por reiterar a não apropriação dos espaços da cidade pelo próprio morador que não os frequenta e tampouco frui de seus objetos de design e arquitetura.

Ao discorrer sobre processos de pasteurização da paisagem urbana em virtude de políticas para a atração do turismo, Jacques (2005) menciona a espetacularização das cidades e enfatiza que essas ações visam ao turista internacional e não o habitante local. Entretanto ela chama atenção para o fato de que “o turista, ao contrário do habitante, não se apropria do espaço, ele simplesmente passa por ele” (JACQUES, 2005, p.18).

Essa reflexão aqui importa para mencionar o fato de que em dezembro de 2013 foi lançada a candidatura da Pampulha como Patrimônio da Humanidade. Houve um investimento da Prefeitura de Belo Horizonte ao formar uma Comissão Executiva para a

<sup>4</sup> O valor do salário mínimo em 2004 era de R\$260,00. R\$720,00 em 2004 significam algo em torno de 2,7 salários mínimos.



condução do processo de delimitação do bem cultural e da justificativa para a declaração de valor excepcional desse bem para que possa ser considerado Patrimônio da Humanidade. O MAP, a Casa do Baile, a Casa JK, O Iate Tênis Clube, a Capela São Francisco de Assis, o espelho d'água e a orla da lagoa figuram como o Conjunto Moderno da Pampulha que representa o bem cultural que pleiteia o título. O texto intitulado “O Programa Declaração da Pampulha Patrimônio da Humanidade” de Bicalho *et al* (2013), descreve sucintamente a delimitação do bem cultural e sua justificativa enaltecendo características do conjunto arquitetônico projetado por Niemeyer como marco da arquitetura moderna que visava a integração das edificações com os espaços públicos. Entretanto, esse mesmo texto não apresenta em nenhum momento da justificativa pela escolha do bem cultural a relação e interação que tem ou possa vir a ter com os sujeitos que usufruem desses espaços, sejam eles turistas ou o turista-morador. Parece-nos com a ideia de pasteurização das cidades modernas com vistas a apresentar a cidade ao mundo (JACQUES, 2005), à aquele que passa por aqui, mas não àqueles que vivem aqui. Isso leva a uma reflexão sobre a não apropriação dos espaços que comportam atividades artísticas e culturais pelos próprios habitantes, como se fosse um ecoar dos ideais modernizantes de Jk nos anos 1940 que previa a ocupação da Pampulha com casas de luxo, entretenimento de alto custo voltado para alguns dos habitantes da cidade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura e o design estão presentes na Casa do Baile, no MAP e na Casa JK. A presença de cada um deles não é somente sensível aos nossos olhos, mas também tangível e acessível ao nosso tato, bem como instiga nossos ouvidos a reter informações sobre as exposições que ali acontecem a partir dos recursos midiáticos; enfim nossos sentidos são acionados para percebermos o quanto um espaço, mesmo no seu silêncio tem a nos dizer sobre sua história e sobre o que em nós emerge a partir da experiência de estar lá. Tal como no trabalho de campo do antropólogo, o pesquisador tem “autoridade” para descrever e dizer sobre o que viu, ouviu e presenciou, exatamente porque esteve lá (Geertz, 1989); estar nos espaços da Pampulha que aqui nesse artigo mereceram atenção é também ser convocado a pronunciar sobre o que viu, sentiu e presenciou.

Passo então a falar a partir da experiência de turista-morador que fui durante esse último ano nas visitas que eu e meus alunos fizemos a esses espaços da cidade de Belo Horizonte, onde nasci e sempre vivi. Ser turista-morador é realizar a experiência de que os espaços frequentados nos pertencem porque fazem parte da história da nossa cidade. Esse é um ponto inicial que gostaria de chamar atenção, mas assim como a experiência foi extremamente rica, suscitou, ao mesmo tempo, exatamente uma sensação de ausência. Ausência não do design e da arquitetura que eram presenças ostensivas naqueles lugares, mas das pessoas fruidoras. Onde estavam os demais turistas-moradores que assim como nós estávamos poderiam ser também fruidores daqueles espaços.

Esclareço que a definição de design que orienta a análise e perpassou a pesquisa é referente ao fato de que ele pode ser pensado como uma intervenção cultural no espaço urbano (ARAÚJO *et al*, 2003). Esse último, por sua vez, torna-se palco para a realização dessas intervenções as quais conferem sentidos e significados que se “colam”, ou melhor, que aderem a esses espaços da cidade. Dessa forma, essas intervenções podem contribuir para que esses lugares da cidade possam ser identificados, reconhecidos pelos cidadãos e usuários como espaços que, com a presença do design, têm uma determinada configuração, não só morfológica, mas também simbólica. Isso significa compreender que o design

propicia mudanças no espaço e que essas mudanças podem ser lidas, compreendidas como a construção da cultura que tem a cidade como cenário e como ator.

Com efeito, ser turista-morador a partir da experiência do design e da arquitetura na Pampulha e em alguns de seus espaços é experimentar os efeitos dessas intervenções, sejam elas exposições ou instalações em nós mesmos e perceber o quanto a cidade está em nós e nos pertence, o quanto e quantos são os significados percebidos e sentidos. Diferentemente do turista que passa pela cidade, conforme menciona Jacques (2005), a cidade é por nós apropriada por meio da experiência de estar lá.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.S. *et al.* Espaço, design, cultura. In: **Galáxia**, v.6, out. 2003.

ARAÚJO, Wânia Maria. *População de Rua em Belo Horizonte: a reinvenção de espaços domésticos no imprevisto da moradia*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUCMinas, 2004. 204p. (Dissertação, Mestrado em Ciências Sociais)

ARAÚJO, Guilherme Maciel. **Roteiro: Oscar Niemeyer em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura; casa do baile, 2013.

ARAÚJO, Guilherme Maciel; COSTA, Janaína França. Pampulha: trajetória de um Patrimônio. In; ARAÚJO, Guilherme Maciel (org.) **A casa em Debate**: Caderno de textos. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura; Casa do Baile, 2013. Cap. 1, p. 7-28.

ASSIS; CAPANEMA, A Gestão Do Patrimônio No Caso Da Pampulha e a Necessidade De Um Planejamento Turístico Integrado E Sistêmico. **FORUM PATRIMÔNIO**, Belo Horizonte, v.3, n.2, jul./dez., 2009.

BICALHO *et al.* O Programa Declaração da Pampulha Patrimônio da Humanidade . In; ARAÚJO, Guilherme Maciel (org.) **A Casa em Debate**: Caderno de Textos. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura; Casa do Baile, 2013. Cap.7, p. 147-165.

CAPELLO, M. B. C; LEITE, L. A. L. D. M. Oscar Niemeyer pelo complexo da Pampulha. **Horizonte Científico**, São Paulo, v. 5, n.2, dez. 2011.

Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/12231/7866>>

Acesso em 04 dez. 2013.

CARSALADE, Flávio. **Pampulha**. Coleção BH. A cidade de cada um. Belo Horizonte: Conceito, 2007.

GORÉLIK, A. A produção da “cidade latino-americana. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.17, n.1, p. 112-133, Jun., 2005.

GUIMARÃES, Berenice Martins. **Cafuas, barracos e barracões**: Belo Horizonte, cidade planejada. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1991. (Tese, Doutorado em Sociologia), 1991.

JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. **Arquitexto**, n.7, 2005. Disponível em <[http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_7/7\\_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf)> Acesso em 27 maio de 2014.

MAIA, A. C. N.; PEREIRA, V. Belo Horizonte em três tempos: Projetos em Perspectiva Comparada. **Revista de História Comparada**, PPGHC/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/124/116>>. Acesso em 04 dez. 2013

PLAMBEL. **A Estrutura Urbana da R.M.B.H. Diagnóstico e Prognóstico: o processo de formação do espaço urbano da RMBH 1897 -1985**. Belo Horizonte: [s.n.], 1986.

RIBEIRO, Raphael Rajão (org). **Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Pampulha**. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2011.

VIANA, J. A. Do Remo à Pesca: O Prescrito e o Imprevisto na Constituição da Lagoa da Pampulha Como um Espaço de Lazer Moderno em Belo Horizonte (1942 a 1968). **Licere**. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, 2013.

*The "tourists residents" in Architectural Complex of Pampulha in Belo Horizonte: experience mediated by design and architecture*

**Abstract**

*This paper aims to reflect on the Pampulha/Belo Horizonte/Minas Gerais/Brasil and some of its spaces – Casa do Baile, Museu de Arte and Casa JK -; the first two of the 1940s and Casa JK opened as museum in 2013. These areas were chosen as tourist sites in Belo Horizonte and there it's possible to experience and interact with design and architecture which are present there. The idea is to think of tourism as an activity carried out by the citizens that does not end by being in those places considered local of tourism, but apart from the presence there it allows the enjoyment not necessarily of the materials products that lie underneath because your senses, meanings also erupt during this experience. The question that has guided the research refers to the fact that this tourist area of Belo Horizonte rich in architectural and design products, is little experienced by belorizontinos citizens who find obstacles ranging from the difficulty of access to the lack of knowledge about the activities that are held there. Our hypothesis is that the citizens interface with this city space from the tourism experience is limited to certain social groups in Belo Horizonte who hold a cultural and symbolic repertoire that is attentive to the activities that take place there and for what they represent and mean in the city, as well as by the presence of architecture and design. This while attracts tourists inhabitants of social groups with cultural capital, intimidates other people who are not holders of such capital. Thus, the experience with architecture and design via tourism in the city itself does not happen and is not enjoyed by all social groups.*

**Key Words:** Pampulha. Tourism. Design. Architecture.

Artigo recebido em 06/11/2014. Aceito para publicação em 10/03/2015.